

Negociação prossegue com FMI; carta de intenção deve ser entregue na segunda

por Claudia Safatle
de Brasília

As negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI) continuam mesmo depois da instituição ter negado a possibilidade de um acordo "stand-by" com o Brasil até que o programa de estabilização, na sua terceira fase — de emissão do real (R\$) — esteja em curso.

Nesta segunda-feira, a carta de intenção do governo brasileiro deverá ser entregue à direção do FMI, para ser apreciada pelo "board" da instituição nos próximos quarenta dias. Essa carta — que conterá a estratégia do programa de estabilização — é necessária para cumprir o ritual do acordo de monitoramento do FMI.

Para o secretário de política econômica, Winston Fritsch, que negociou o acordo com o fundo, um acerto do tipo "stand-by" deverá ser consequência natural da evolução do programa econômico, a partir da fase 3.

NEGATIVA

Ele informou que o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, já sabia que não haveria um "stand-by" quando embarcou na última terça-feira à noite para Washington. Fontes oficiais confirmam essa afirmação, mas acrescentaram que o governo não estava ciente da resposta que o Tesouro norte-americano daria, em decorrência da inexistência do "stand-by", negando-se a emitir o "zero coupon bond" para compor as garantias colaterais (ao acordo de reestruturação da dívida externa com os bancos privados). "Sabíamos apenas que era uma possibilidade", disse a fonte.

Para contornar a negativa do Tesouro norte-americano em emitir os bônus série especial, o presidente do Banco Central, Pedro Malan, junto com Fritsch, tem, que montar uma operação diferente. O governo brasileiro já vinha adquirindo os "zero coupon bonds" no mercado secundário há alguns meses — conforme admitem fontes oficiais. O governo, formalmente, não confirma nem desmente essa informação, mas de posse de boa parte dos pouco mais de US\$ 2 bilhões necessários para as garantias que terão que ser apresentadas no dia 15 de abril próximo — data da troca dos títulos velhos da dívida externa pelos bônus

de reestruturação. — Malan começou nos últimos dias a procurar um agente depositário dessas garantias.

Chegou-se a pensar na possibilidade de depositar as garantias no New York Federal Reserve Bank. Consultado, Larry Summer, do Tesouro americano, teria considerado totalmente inconveniente por esta ser também uma instituição oficial do governo dos EUA. Não poderia, portanto, aceitar ser depositária se o Tesouro norte-americano havia negado a emissão dos bônus especiais. Teria sido o próprio Tesouro americano a ajudar Malan na conversa com o diretor-gerente do BIS (banco de compensações internacionais, com sede na Basileia), Andrew Cockett, para que essa instituição aceitasse ser depositária das garantias colaterais. É no BIS, aliás, que estão aplicadas as reservas cambiais brasileiras.

MONITORAMENTO

Winston Fritsch não considerou a negociação com o fundo e o acerto de um novo acordo de monitoramento uma manifestação de desconfiança da instituição de Bretton Woods ao programa de estabilização como um todo e, particularmente, à política fiscal. Segundo ele, ainda com a missão técnica do FMI em Brasília, já se sabia da impossibilidade de um "stand-by", pelas próprias "características do programa". Ou seja, seria mais fácil negociar com o FMI se houvesse "resultados imediatos na queda da inflação".

A concepção da Unidade Real de Valor como tentativa de quebra da inércia inflacionária primeiro para só daqui a um tempo introduzir a nova moeda, daria, para um acordo com metas nominais rígidas, uma margem de incerteza muito grande. Assim, considerou-se mais "prudente do que prenciar o índice de face 3", optar por um acordo de monitoramento, que não demanda metas nominais nem contém desembolsos de recursos do fundo.

Fritsch garantiu que, ao final das discussões, os técnicos do FMI consideraram "sólida a programação fiscal", que prevê superávit primário de 4,5% do PIB nas contas públicas consolidadas, sem contabilizar cerca de US\$ 2,9 bilhões de recursos "cash" das privatizações neste ano.